

Paradoxos dos sinais discretos na psicose ordinária¹

François Ansermet

Os sinais discretos de psicose ordinária introduzem uma série de paradoxos. Se esses sinais são discretos, suas consequências não o são: quanto menos os reconhecemos, mais eles se tornam invasores; desde que os reconhecemos, eles se tornam tão evidentes que não se pode mais considerá-los como discretos. Os sinais discretos não seriam, então, tão discretos assim.

Seu não reconhecimento é denso de consequências na psiquiatria contemporânea. Não reconhecer o psicótico e endereçar-se a ele como se ele não o fosse pode impeli-lo para o extremo de seu impasse, levá-lo a agir, à passagem ao ato, hoje mais frequentemente do lado da violência que se instaura no centro da instituição psiquiátrica, conduzindo-o a se deslocar para o mundo carcerário - em via de se tornar o lugar contemporâneo da loucura.

Assim, localizar os sinais discretos das psicoses ordinárias se torna não apenas uma empreitada maior na clínica, como também uma empreitada da sociedade.

O que há de extraordinário na psicose ordinária, o que a caracteriza, é que não se pensa forçosamente nela. Ela se apresenta sob a forma de pequenos indícios que se situam "na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito"². Estes podem passar despercebidos. No entanto, é a partir deles que devemos nos orientar. Pode se tratar de bizarrices, de um manejo particular da linguagem, de transtornos tênues do pensamento, de surtos de angústia não reconhecidos como tais que surgem como acontecimentos de corpo. O sujeito pode também se achar socialmente desinserido, com barreiras nos relacionamentos, uma

rejeição brusca do outro, sem premissas, sem história, desconectado do tempo dos outros - todo tipo de desregramentos que surgem sem que se os tenha visto chegar, sem também que não cheguemos a considerá-los como um conjunto.

Mas a psicose ordinária pode igualmente se fazer discreta pelas soluções postas em jogo, as quais podem se declinar de múltiplas maneiras, tal como as enumera Jacques-Alain Miller: "a psicose compensada, a psicose suplementada, a psicose não desencadeada, a psicose medicada, a psicose em terapia, a psicose em análise, a psicose que evolui, a psicose *sinthomada*"³.

Podemos, então, formular assim a questão: distinguir o sinal discreto de e na solução engendrada por ela que pode, a um só tempo, tornar-se uma solução discreta. O sinal pode se tornar discreto em razão da solução posta em jogo. Assim como se poderia dizer que há sinais discretos que não localizamos, haveria soluções discretas que não localizamos. E há soluções que se mantêm e soluções que não se mantêm.

Como os sinais, as soluções, uma vez que se as localiza, não são mais discretas. Este é o paradoxo que se poderia dizer como o da "Carta roubada"⁴, aplicado aos sinais discretos e às suas soluções: frequentemente não vemos o que é o mais evidente.

Essas soluções podem ser buscadas no mundo contemporâneo através dos *prêt-à-porter* identitários, que vêm tratar da aflição do sujeito, de seu desamparo. Soluções todas prontas que podem se tornar destruidoras. Pode-se passar de um impasse privado para um mal-estar coletivo. O impasse do sujeito se torna coletivo. Tal como Freud já o enunciara: toda psicologia individual já é imediatamente coletiva.

O dispositivo identitário pode guinar para a radicalização: uma radicalização apropriadamente nomeada,

uma vez que se trata de voltar a dar raízes àqueles que não as têm mais. Pode-se passar diretamente das raízes individuais, artificialmente reconstituídas, às raízes de um mal coletivo. É assim que os pequenos males podem caminhar para o mal absoluto, como dizia Hannah Arendt⁵.

Não há apenas as soluções capturadas nas armadilhas das identidades. Há também aquelas postas à disposição pelos desenvolvimentos contemporâneos das biotecnologias.

Como enunciou Jacques-Alain Miller, a ciência permite, hoje, tocar no real agindo sobre a natureza, fazendo-a obedecer, mobilizando-a, utilizando sua potência⁶. A um só tempo, alguns sujeitos exultam de entregar seu corpo à medicina e às suas novas tecnologias. Procriações medicamente assistidas, conservação ovocitária para uso posterior, predições tornadas possíveis pela sequenciação do genoma, mudança de sexo, cirurgia estética tornando-se, hoje, até mesmo preventiva, neuroprostética, estratégias de aumento enxertando-se máquinas a fim de se tornar um *cyborg*, expectativas de prolongar indefinidamente a vida, de levar a morte à morte....., as biotecnologias desembocam em um mundo inventado, inédito, que não sabemos mais o que ele é - mesmo que as temáticas em jogo caminhem ao encontro de todos os tipos de cenários imaginários clássicos, próprios às construções delirantes da psicose.

Os humanos colocam suas esperanças mais excessivas nas biotecnologias. Eles encontram nelas soluções por vezes desestabilizadoras, chegando à perspectiva oferecida recentemente pelo aperfeiçoamento de organóides gerados a partir de células tronco, de criar peças soltas do corpo, fragmentos de cérebro, testículos, rim, fígado, pulmões.... E por que não, em seguida, a de criar humanoides capazes de escapar do impacto do tempo?⁷ Duzentos anos depois de a imaginação de Mary Shelley fazer surgir, em 1816, em Genebra, este Prometeu moderno que é Victor Frankenstein, capaz de criar a vida a partir da morte - "Eu consegui

encontrar a causa da geração da vida. Tornei-me capaz, inclusive, de animar a matéria inerte” -, parece que estamos no caminho de realizar o mesmo projeto por meio de uma síntese do vivo realizada *in vitro*.

Em suma, encontramos-nos, portanto, de um lado, diante de um não reconhecimento da psicose e, do outro, diante de um uso tanto das identidades como das biotecnologias que se poderia dizer “psicótico”. Trata-se de dois vazios que se anteparam (*s'écrantent*): é esta interseção que deveria ser hoje interrogada de um modo novo, a partir da psicose ordinária e de seus sinais discretos.

Tradução: Vera Avellar Ribeiro

¹ Conferência pronunciada no XIV Congresso da NLS, “Signes discrets dans les psychoses ordinaires. Clinique et traitement”. Dublin, 2 e 3 de julho de 2016. Esse artigo foi originalmente publicado em *Lacan Quotidien*, n° 595. Disponível em: <<https://www.lacanquotidien.fr/blog/2016/09/03/>>. Agradecemos a amável autorização do autor para traduzi-lo e publicar neste número de *Opção Lacaniana Online nova série*.

² MILLER, J.-A. (2009). “Effet retour sur la psychose ordinaire”. In: *Quarto*, n° 94-95. Bélgica: ECF, p. 45.

³ IDEM. (1999). “Clinique foue”. In: *La psychose ordinaire*. Paris: Agalma, p. 230.

⁴ Cf. a notícia de E. Poe comentada por Lacan.

⁵ ARENDT, H. (2015). “Les œufs se rebiffent”. In: *La philosophie de l'existence et autres essais*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.

⁶ MILLER, J.-A. (jun. 2012). “O real no século XXI”. In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n° 63. São Paulo: Edições Eólia, p. 11-18.

⁷ As questões suscitadas pelos organoides foram desenvolvidas mais precisamente em um artigo redigido com Ariane Giacobino (2016). “Paniques biotechnologiques”. In: *La Cause du désir*, n° 93, a ser publicado em 2016.